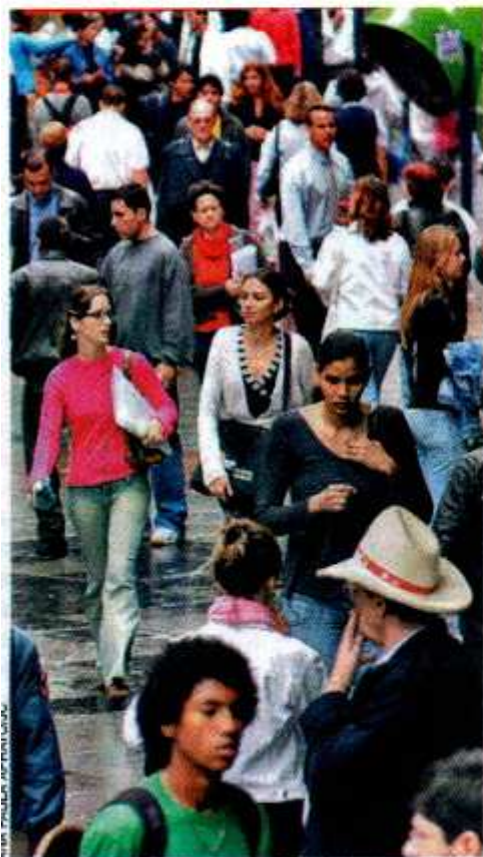


Crise econômica não afeta expansão da classe média

FGV aponta que regiões de periferia mantiveram bom ritmo de atividade produtiva



Participação cresceu 2,5% em um ano

A crise econômica não interrompeu o processo de expansão da classe média brasileira, revela estudo feito pelo Centro de Políticas Sociais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com base em dados da Pesquisa Mensal do Emprego (PME), do IBGE. A população economicamente ativa incluída na chamada classe C (com renda domiciliar de R\$ 1.150,00 a R\$ 4.807,00) representava, em julho, 53,2% do total, crescimento de 2,5% sobre a proporção verificada em julho de 2008. Ao mesmo tempo, a classe AB (renda superior a R\$ 4.807,00) teve retração de 0,5%. Em julho, representava 14,97% da população, de acordo com os dados da FGV. A classe D (renda entre R\$ 804,00 e R\$ 1.115,00) diminuiu 4,1% em relação a julho do ano passado, significando 13,51% dos brasileiros. Já a classe E (renda inferior a R\$ 804,00) apresentou recuo de 3,3% em um ano, passando a representar 18,32% da população.

“No período pré-crise, em cinco anos, houve um crescimento da classe AB de 35%, e da classe C de 23%. No pós-crise, a boa notícia é que houve algumas perdas iniciais que já foram

recuperadas. Hoje, a classe AB está 0,5% abaixo de seu nível de um ano atrás, e a classe C está 2,5% acima. Ou seja, a crise não afetou o bolso do brasileiro comum”, afirma o coordenador do estudo, Marcelo Neri.

Em janeiro, a classe média parecia entrar em processo de encolhimento, depois de ter chegado a representar 53,81% do total da população em dezembro. No primeiro mês deste ano, essa proporção encolheu para 52,64%, e desde então, continua em processo de ascensão. Neri explica que está havendo uma recomposição da classe AB. Ele frisa que o aumento da classe C é fruto de pessoas oriundas das classe mais baixas (D e E).

O economista acrescenta que as chamadas periferias mantiveram um bom ritmo de atividade econômica durante a crise, sendo menos afetadas que os grandes centros urbanos. Segundo Neri, o fato de esses lugares estarem menos ligados a fatores externos, sendo menos dependentes das exportações e desconectados a influências dos mercados financeiros, contribuiu decisivamente para o bom desempenho nos últimos meses.